

O TRABALHO DOS MÚSICOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS DESIGUALDADES ENTRE 2012 E 2021¹

Mariangela Furlan Antigo²

Ana Flávia Machado³

Jonas da Silva Henrique⁴

Este artigo tem por objetivo analisar aspectos do trabalho dos músicos no Brasil. Estudos tratando de uma determinada categoria ocupacional são raros. Mensura-se a importância de fatores individuais, do posto de trabalho e da conjuntura macroeconômica associados aos diferenciais de rendimento, à desigualdade, à subocupação por horas trabalhadas e à transição para desocupação/inatividade dos músicos no Brasil a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de 2012 a 2021. Três métodos de análise são utilizados com dados empilhados para todo o período. O primeiro se fundamenta na estimativa de uma equação de rendimentos baseada em Mincer (1974), buscando analisar como características individuais, do posto de trabalho e macroeconômicas podem contribuir para maiores níveis de rendimento do trabalho. O segundo se baseia em estimativa de modelos *logit* intencionando avaliar os fatores associados à subocupação por horas trabalhadas e à probabilidade de transição para desocupação/inatividade a partir dos dados longitudinais da PNAD Contínua para um trimestre. Comparando músicos não só com trabalhadores do grupo ocupacional formado pelos profissionais das ciências e intelectuais como também com todos os profissionais do setor cultural, verifica-se que músicos são mais impactados pela concentração de rendimentos, por perda de rendimentos e por subocupação que ocupados nesses dois grupos de comparação.

Palavras-chave: músicos; desigualdade; rendimento; subocupação.

THE WORK OF MUSICIANS IN BRAZIL: AN ANALYSIS OF INEQUALITIES BETWEEN 2012 AND 2021

This paper aims to analyse aspects of musicians' work in Brazil. Research dealing with an occupational category are rare. The importance of individual factors, the job position and the macroeconomic situation associated with income differentials, inequality, underemployment for hours worked and the transition to unemployment of musicians in Brazil are measured based on data from the Continuous National Household Sample Survey (Continuous PNAD) of the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE), from 2012 to 2021. Three analysis methods are used with stacked data for the entire period. The first is based on the estimation of an earning equation based on Mincer (1974), seeking to analyze how individual, job and macroeconomic characteristics can contribute to higher levels of income from work. The second is based on estimation of *logit* models intending to evaluate the factors associated with underemployment by hours worked and, and the probability of transition to unemployment/inactivity based on Continuous PNAD longitudinal data for one quarter. Comparing musicians with workers from the occupational group formed by Science Professionals and Intellectuals as well as with all professionals in the cultural sector, it appears that

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ppe54n3art4>

2. Professora associada no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: maantigo@cedeplar.ufmg.br.

3. Professora titular no Cedeplar/UFMG. E-mail: afmachad@cedeplar.ufmg.br.

4. Professor substituto no Cedeplar/UFMG. E-mails: jshenrique@cedeplar.ufmg.br; jhenriquebass@gmail.com.

musicians are more impacted by income concentration, loss of income and underemployment than those employed in these two comparison groups.

Keywords: musicians; inequalities; earning; underemployment.

JEL: Z10; J01.

1 INTRODUÇÃO

O setor artístico-cultural brasileiro é marcado pela diversidade e riqueza de expressões. Ocupações artísticas, técnicas e de produção fomentam a variedade de atividades e produtos. Os dados do Observatório do Itaú Cultural (Conheça..., 2023) destacam que o setor envolve 7,4 milhões de trabalhadores – o que representa 7% da população trabalhadora no país – e 130 mil empresas – 3,25% do total de empresas do Brasil –, e é capaz de gerar US\$ 61 bilhões em exportações líquidas, refletindo em 2,4% do total de exportações líquidas do Brasil em 2022.

Entre as muitas ocupações que esse setor econômico abrange, a dos músicos está, pelo seu trabalho, entre as mais reconhecidas nacional e internacionalmente. A atividade dos músicos também é fundamental para a promoção da cultura e do patrimônio imaterial de um país, uma vez que a música é uma forma de expressão artística que reflete as tradições, os valores e a identidade de uma comunidade. Os músicos, portanto, desempenham um papel importante na preservação e divulgação da cultura dentro e fora das fronteiras brasileiras, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural do país e para o seu reconhecimento no cenário internacional. Além disso, a atividade dos músicos gera emprego e renda na cadeia produtiva, que abrange desde a produção de instrumentos até a organização de eventos culturais.

Some-se a isso o fato de, no Brasil, serem poucos os estudos que buscam entender as especificidades de determinada ocupação, como a dos músicos. Ademais, do ponto de vista teórico, a economia da cultura contribui para compreender a inserção de artistas no mundo do trabalho por meio do modelo “apaixonados pelo trabalho”, desenvolvido por Throsby *et al.* (1994), que se contrapõe ao modelo de oferta tradicional por entender que os artistas são mobilizados por retornos não pecuniários, como reconhecimento do público e dos pares, por estilo de vida idiossincrático, pelo contato com novidade, entre outros, tornando a oferta de trabalho inelástica à renda. Por outro lado, essa inserção, associada à motivação não pecuniária e fruto de vocação, pouco condicionada a um regramento institucional, tende a registrar expressiva informalidade nas relações de trabalho, excesso de oferta e instabilidade nos rendimentos que podem contribuir para condições de subemprego e/ou interrupção da carreira.

Considerando, portanto, o modelo teórico de Throsby *et al.* (1994), a importância do setor artístico-cultural na economia brasileira e, em especial, a categoria ocupacional dos músicos, este artigo tem o objetivo de analisar

aspectos do trabalho dos músicos no Brasil. Mensura-se a importância de fatores individuais, do posto de trabalho e da conjuntura macroeconômica associados aos diferenciais de rendimento, à desigualdade, à subocupação por horas trabalhadas e à transição para desocupação dos músicos no Brasil a partir dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de 2012 a 2021. Três métodos de análise são utilizados. O primeiro se fundamenta na estimativa de uma equação de rendimentos baseada em Mincer (1974), buscando analisar como características individuais, do posto de trabalho e macroeconômicas podem contribuir para maiores níveis de rendimento do trabalho. O segundo se baseia em estimativa de modelos *logit* com dados empilhados para todo o período, intencionando avaliar os fatores associados à subocupação por horas trabalhadas e à probabilidade de transição para desocupação/inatividade a partir dos dados longitudinais da PNAD Contínua para um trimestre.

De modo a situar a categoria dos músicos no ambiente de trabalho, compararam-se suas condições anteriormente reportadas a dois outros recortes ocupacionais. O primeiro abrange os profissionais do setor cultural segundo a classificação do Sistema de Informações e Indicadores Culturais (Siic), do IBGE (2019). Já o outro considera profissionais das ciências e intelectuais. Para fins dessa análise, os músicos foram excluídos dos grupos de comparação.

Tendo essas questões em tela, o artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução. Na segunda seção, faz-se uma breve revisão da literatura sobre mercado de trabalho do artista, considerando os músicos. Em seguida, na terceira seção, apresentam-se as estratégias econométricas para estimar diferencial de rendimento, subocupação de horas de trabalho e transição para a desocupação, considerando músicos *vis-à-vis* os dois grupos de comparação. Na quarta seção, apresentam-se os resultados e, por fim, na quinta seção, algumas considerações finais.

2 ASPECTOS TEÓRICOS E EMPÍRICOS DO TRABALHO DO ARTISTA

Throsby *et al.* (1994) elaboraram o modelo da oferta de trabalho dos artistas considerando que sua inserção no mercado de trabalho é dada por uma função crescente do seu tempo gasto com o trabalho. O artista busca maximizar o tempo gasto no trabalho com artes, independentemente da cesta de bens e do tempo de lazer. Em linhas gerais, para os autores, o trabalho é motivo de satisfação e prazer, e não um meio para garantir acesso aos bens e ao tempo dedicado ao lazer, como pressupõe a teoria convencional. Por essa razão, o artista pode até se inserir em trabalhos não artísticos, de modo a financiar o tempo alocado na produção artística. Se o salário do trabalho não artístico aumentar, o artista poderá se dedicar mais tempo ao trabalho artístico e, no caso de expansão no rendimento proveniente

deste, ele poderá deixar os outros trabalhos e se dedicar integralmente às artes. Assim, mudanças no rendimento do trabalho não artístico ou no preço dos bens não alteram a escolha do trabalhador, e aumentos na renda do trabalho artístico provocam apenas o aumento da utilidade do trabalhador (Throsby *et al.*, 1994).

Desse modelo, têm-se dois desdobramentos. O primeiro diz respeito à abordagem, seja teórica ou empírica, de uma curva de oferta no trabalho artístico que independe da remuneração, algo evidenciado por Casacuberta e Gandelman (2012) e Bille, Løyland e Holm (2017). O segundo desdobramento trata da satisfação média advinda do trabalho artístico superior à observada em outros trabalhos não artísticos (Steiner e Schneider, 2011; Henrique, Machado e Antigo, 2022).

Entretanto, outros estudiosos, embora concordem que os artistas se insiram por razões não pecuniárias, evidenciam que o excesso de oferta de artistas no mercado, em decorrência do desejo de manifestar sua criatividade, gera maior vulnerabilidade nessa inserção. Eikhof e Warhurst (2013) apontam que o trabalho artístico se ancora em projetos de tempo determinado, o que cria instabilidade na ocupação e na renda, com exigências de mobilidade geográfica e dedicação exclusiva dos trabalhadores. Lindström (2016) mostra a relação entre baixa renda, precariedade no trabalho e pluriatividade no setor. Hennekam e Bennett (2017), ao realizarem estudo qualitativo com artistas holandeses, australianos e canadenses, apontam similaridades no trabalho desses agentes, apesar de se encontrarem em países diferentes. O trabalho tende a ser mais precário que estável, com baixos salários, poucos benefícios e modesta cobertura que provocam elevada mobilidade entre ocupação, subocupação e desocupação ao longo da carreira. Normalmente, contam com outra fonte de renda e conseguem se tornar estáveis pela reputação e pela entrada em alguma rede importante.

Alacovska e Gill (2019) apontam que a precariedade do trabalho no setor artístico-cultural está atrelada às más condições de trabalho, à instabilidade, aos baixos salários e às desigualdades. Entretanto, permanecem na ocupação pela vontade de desenvolver atividades de criação artística. No caso de países menos desenvolvidos, os autores sugerem que a informalidade desse trabalho se mostra multifacetada, ambivalente e relacional.

Em análise para o Brasil, considerando as ocupações artísticas, culturais e criativas,⁵ Machado *et al.* (2021), ao analisarem os dados sobre postos de trabalho pela PNAD Contínua em 2019 e 2020 e no primeiro trimestre de 2021, observaram uma queda abaixo de quase 50% no total de ocupados nessas ocupações quando, no mesmo período, a redução para a economia como um todo foi de 9,5%.

5. Os autores definem o setor dessa maneira a partir de ocupações relativas às atividades de arquitetura e *design*, cinema, televisão, vídeo, rádio e edição de livros, artes performáticas, artes visuais, música, programação de *software* e jogos de computador, publicidade, gastronomia, joalheria, moda e artesanato.

Ademais, o grau de informalidade nessas atividades, que já é elevado, aumentou de 52,2% para 58,8%. Em termos de desigualdade, verificamos que a medida por Gini é superior à do mercado de trabalho brasileiro (0,5), apresentando valores de 0,521 em 2019; 0,562 em 2020; e 0,537 em 2021.

Como já adiantado, o interesse neste artigo é analisar uma ocupação específica do setor artístico-cultural, a dos músicos. O trabalho do músico é também pautado pela reputação e pelas habilidades individuais, mas, assim como os demais, a sua atuação possui diversas intempéries, que vão desde contratos de curto prazo, inserções precárias, até mesmo oscilações de mercado, as quais, por sua vez, podem interferir na demanda por seu trabalho. Os músicos, de um modo geral, tendem a atuar em diversas frentes de trabalho, porém é uma ocupação fadada a um alto nível de incerteza, que pode reduzir o tempo de permanência na ocupação.

Essas características desencadeiam diversas situações, tais como a diversificação em estilos musicais; a incorporação de mais de um instrumento musical; a oferta de serviços musicais como professor, técnico de som, mixagem e masterização; e atividades que exigem os conhecimentos e a experiência vivida no meio musical, como técnico de palco, técnico de iluminação, *luthier*, entre outros. Tais ocupações dependem, também, de suas habilidades, seus conhecimentos e sua experiência no campo musical. Essas formas de pluriatividade do trabalho são características encontradas no universo de trabalho do músico, que, pelo ponto de vista econômico, vêm a contribuir com a diversificação do risco.

Desse modo, os retornos pecuniários dos músicos, bem como a sua sobrevivência no campo de trabalho, não dependem somente da sua habilidade individual, mas também da forma como a sua reputação e sua dedicação ao trabalho são administradas e divulgadas (Menger, 1999). É no campo da música que Rosen (1981) desenvolve seu modelo de *superstar*, ao evidenciar que há grande diferenciação de rendimentos intraocupacional devido ao fenômeno das superestrelas, uma vez que poucos recebem valores exorbitantes mesmo se identificando pouca diferença em termos de talento. Os consumidores preferem pagar mais por aqueles músicos que já auferem renda de monopólio garantida por premiações a pagar pela apresentação daqueles que são bons, mas não são premiados, e cobram ingressos mais baixos.

Ainda, de acordo com Bille e Jensen (2018), algumas profissões artísticas podem ter maiores dificuldades em se estabelecer no universo do trabalho e, até mesmo, terem novas oportunidades de ocupação, que é o caso do trabalho artístico que desempenha apresentações, tais como músicos, atores e dançarinos. Para os músicos, a educação artística formal é importante para fazer face à permanência ativa na ocupação, principalmente no início da carreira. Após os dois primeiros anos de atuação, tal importância é diluída. Todavia, os resultados demonstram que, mesmo ao longo dos dezessete anos de análise de Bille e Jensen (2018) com

músicos dinamarqueses, aqueles com ensino superior apresentaram menores probabilidades de inatividade quando comparados a músicos de menor escolaridade.

À luz da leitura dos principais pontos relativos ao trabalho do artista, em especial do músico, busca-se, pela análise de dados secundários e de estimações econométricas, mensurar a importância de fatores individuais, do posto de trabalho e da conjuntura macroeconômica associados aos diferenciais de rendimento, à desigualdade, à subocupação por horas trabalhadas e à transição para desocupação/inatividade no período de 2012 a 2021.

3 METODOLOGIA

A base de dados utilizada neste trabalho é a PNAD Contínua trimestral, realizada pelo IBGE durante o período de 2012 a 2021.⁶ Uma das principais vantagens do banco de dados gerado por essa pesquisa é a possibilidade de se fazer o acompanhamento dos indivíduos a cada três meses por um período de até um ano. Ainda, diferentemente das informações da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), do Ministério da Economia (ME), que considera em seus dados os trabalhadores formais, os trabalhadores informais também são levados em conta nos dados da PNAD Contínua trimestral, o que, para este trabalho, é fundamental devido ao alto grau de informalidade entre a classe de trabalhadores artísticos, de uma formal geral, e os músicos, especificamente.

Três métodos de análise são utilizados. O primeiro se baseia na estimativa de uma equação de rendimentos com dados empilhados para todo o período fundamentada em Mincer (1974), buscando analisar como características individuais, do posto de trabalho e macroeconômicas podem contribuir para maiores níveis de rendimento do trabalho.⁷ O modelo estimado é dado pelo *log* do rendimento do trabalho principal ($\ln Y$) em função de características individuais, como sexo, cor, condição no domicílio, idade e escolaridade; características do posto de trabalho, como posição na ocupação, contribuição à previdência social, faixa de horas trabalhadas; características da região de residência, como área urbana ou rural, grande região, região metropolitana e *dummies* anuais abarcando todo o período de 2012 a 2021 e, ainda, um termo de erro estocástico.⁸ O modelo estimado é dado pela equação (1).

6. A descrição das variáveis da PNAD Contínua trimestral utilizadas consta do quadro A.1 do apêndice A.

7. Para deflacionar os rendimentos, considerou-se o deflator disponibilizado pelo IBGE para a PNAD Contínua trimestral. Para fins deste trabalho, a referência temporal é o último trimestre de 2021.

8. As categorias de referência são mulheres, pretos e pardos, pessoa responsável pelo domicílio, com idade entre 18 e 29 anos, com ensino fundamental incompleto, que não são conta própria ou sem carteira de trabalho assinada, que não contribuem para a previdência social, que trabalham até 14 horas por semana e residem em área rural, na região Sudeste, em área não metropolitana e o ano de 2012.

$$\ln Y = B_0 + \beta_1 \text{sexo} + \beta_2 \text{cor} + \beta_3 \text{condição no domicílio} + \beta_4 \text{idade} + \beta_5 \text{escolaridade} + \beta_6 \text{posição na ocupação} + \beta_7 \text{contribuição com a previdência} + \beta_8 \text{faixa de horas trabalhadas} + \beta_9 \text{área urbana} + \beta_{10} \text{grande região} + \beta_{11} \text{região metropolitana} + \beta_{12} \text{ano} + u \quad (1)$$

A segunda metodologia adotada se baseia em uma análise econométrica multivariada, através da estimativa de um modelo *logit* com dados empilhados para todo o período. Com esse modelo, é possível compreender como a probabilidade de o trabalhador ocupado se encontrar subocupado por horas trabalhadas é afetada por características individuais, do posto de trabalho e conjunturais. A variável de interesse considerada é a subocupação por horas trabalhadas em relação àqueles ocupados que não se encontram subocupados.⁹ Estima-se, assim, o modelo de regressão logística para os músicos e para os grupos de comparação, dado pela equação (2).

$$\text{subocupado} = \delta_0 + \delta_1 \text{sexo} + \delta_2 \text{cor} + \delta_3 \text{condição no domicílio} + \delta_4 \text{idade} + \delta_5 \text{escolaridade} + \delta_6 \text{posição na ocupação} + \delta_7 \text{contribuição com a previdência} + \delta_8 \text{área urbana} + \delta_9 \text{grande região} + \delta_{10} \text{região metropolitana} + \delta_{11} \text{ano} + e \quad (2)$$

Toda a análise é feita tanto para os músicos quanto para dois grupos de comparação, ocupados na primeira entrevista com idade entre 18 e 70 anos. O primeiro grupo é composto pelos profissionais do setor cultural segundo a classificação do Siic (IBGE, 2019). Por sua vez, o segundo grupo é formado pelo grupo ocupacional dos profissionais das ciências e intelectuais de acordo com a Classificação de Ocupações para Pesquisas Domiciliares (COD), do IBGE.¹⁰ Esse grupo abarca postos de trabalho em que as atividades necessitam ser desempenhadas por profissionais qualificados e de alto nível de competência, assim como os músicos. Para fins desta análise, os músicos foram excluídos dos grupos de comparação. A tabela 1 apresenta a amostra e a amostra expandida de músicos e de trabalhadores nos dois grupos de comparação ao longo do período.

9. As categorias de referência são as mesmas utilizadas na equação de rendimentos, exceto para a variável faixa de horas trabalhadas, que não é considerada nessa estimativa.

10. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Microdados/Documentacao/Estrutura_Ocupacao_COD.xls.

TABELA 1
Amostra e amostra expandida: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)

Ano	Amostra			Amostra expandida		
	Músicos	Grupo 1	Grupo 2	Músicos	Grupo 1	Grupo 2
2012	295	886	15.353	124.200	450.141	6.516.300
2013	307	852	16.020	123.768	406.825	6.894.482
2014	296	848	17.105	124.673	410.667	7.227.374
2015	310	812	17.048	138.609	411.322	7.436.982
2016	326	848	16.866	144.615	446.640	7.479.926
2017	364	882	17.179	169.030	413.946	7.535.746
2018	320	860	18.343	149.412	413.140	8.218.392
2019	316	823	18.174	155.426	433.293	8.448.768
2020	119	425	9.793	113.077	435.397	8.113.491
2021	147	542	12.112	111.382	527.530	9.270.481

Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.
 Elaboração dos autores.

Tomando como referência o período mais recente, pode-se observar um total de 111.382 músicos no Brasil, representando 17,43% e 1,19% dos grupos 1 e 2 de comparação considerados, respectivamente. Por sua vez, no primeiro ano da série, registrou-se um total de 124.200 músicos, que cresceu até 2017, com queda em 2018, seguido de aumento em 2019 e retorno à diminuição em 2020 e 2021. Como complemento à tabela 1, expressa-se, na tabela 2, o percentual da representatividade dos músicos perante os grupos de comparação.

A participação de músicos no grupo 1, *profissionais do setor cultural* é mais elevada em 2017 (28,99%), bem como pela participação dos *profissionais das ciências e intelectuais*, descritos pelo grupo 2. Nesse ano, músicos compreendem 2,19%. No entanto, em 2021, o percentual é o mais baixo de toda a série.

TABELA 2
Percentual de músicos com relação aos grupos de comparação – Brasil (2012-2021)
 (Em %)

Ano	Grupo 1			Grupo 2		
	Músicos	Grupo 1	Total	Músicos	Grupo 2	Total
2012	21,62	78,38	100	1,87	98,13	100
2013	23,33	76,67	100	1,76	98,24	100
2014	23,29	76,71	100	1,70	98,30	100
2015	25,20	74,80	100	1,83	98,17	100
2016	24,46	75,54	100	1,90	98,10	100
2017	28,99	71,01	100	2,19	97,81	100
2018	26,56	73,44	100	1,79	98,21	100

(Continua)

(Continuação)

Ano	Músicos	Grupo 1	Total	Músicos	Grupo 2	Total
2019	26,40	73,60	100	1,81	98,19	100
2020	20,62	79,38	100	1,37	98,63	100
2021	17,43	82,57	100	1,19	98,81	100

Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

Por fim, considera-se também o painel formado pela primeira e pela segunda entrevista dos dados da PNAD Contínua trimestral, possibilitando acompanhar os indivíduos por um trimestre. Para o pareamento das entrevistas, foram consideradas as seguintes variáveis da PNAD Contínua trimestral: Unidade da Federação (UF), Unidade Primária de Amostragem (UPA), estrato, número do domicílio, painel, sexo, ano de nascimento, mês de nascimento e dia de nascimento. De modo geral, um total de 79% das observações foram pareadas entre as duas entrevistas ao longo do período considerado para os músicos, 80% para os profissionais do setor cultural e 82% para os profissionais das ciências e intelectuais.

Um modelo *logit* com dados empilhados é estimado para todo o período com intenção de analisar como características individuais, do posto de trabalho e conjunturais afetam a probabilidade de o trabalhador de cada grupo se encontrar ocupado ou desocupado/inativo na segunda entrevista, dado que ele se encontra ocupado na primeira entrevista.¹¹ Estima-se, assim, o modelo de regressão logística para os músicos e para os grupos de comparação, dado pela equação (3).

$$\text{Ocupado_2ªentrevista} = \theta_0 + \theta_1 \text{sexo} + \theta_2 \text{cor} + \theta_3 \text{condição no domicílio} + \theta_4 \text{idade} + \theta_5 \text{escolaridade} + \theta_6 \text{posição na ocupação} + \theta_7 \text{contribuição com a previdência} + \theta_8 \text{faixa de horas trabalhadas} + \theta_9 \text{área urbana} + \theta_{10} \text{grande região} + \theta_{11} \text{região metropolitana} + \theta_{12} \text{ano} + \epsilon \quad (3)$$

QUADRO 1

Variáveis incluídas nas três estimativas econométricas, autores e contexto

Variável	Autor(es)	Contexto
Sexo	Alacovska e Gill (2019).	Os autores observam que as mulheres músicas enfrentam desafios adicionais em relação aos homens músicos, como a discriminação de gênero, a falta de representação e a dificuldade em equilibrar a maternidade com a carreira.
Condição no domicílio	Henrique (2022).	O autor investiga informações sobre a condição do músico no domicílio e seus diferenciais de rendimento, bem como a sua permanência na ocupação.

(Continua)

11. As categorias de referência são mulheres, pretos e pardos, pessoa responsável pelo domicílio, com idade entre 18 e 29 anos, com ensino fundamental incompleto, que não são conta própria ou sem carteira de trabalho assinada, que não contribuem para a previdência social, que trabalham até 14 horas semanais e residem em área rural, na região Sudeste, em área não metropolitana e o ano de 2012.

(Continuação)

Variável	Autor(es)	Contexto
Idade	Casacuberta e Gandelman (2012); Machado, Rabelo e Moreira (2014).	Os autores entendem que a idade (experiência) é um fator importante para investigações no campo de trabalho cultural-artístico.
Escolaridade	Eikhof e Warhurst (2013); Steiner e Schneider (2013); Lindström (2016); Bille, Løyland e Holm (2017); Alacovska e Gill (2019).	Os autores destacam que a escolaridade é um fator importante para a colocação e diferencial de rendimento no campo de trabalho artístico e dos músicos.
Posição na ocupação	Bille e Jensen (2018); Alacovska e Gill (2019); Machado <i>et al.</i> (2021).	Os autores enfatizam a precariedade do trabalho na área cultural e artística, com muitos trabalhadores atuando como <i>freelancers</i> , empreendedores ou trabalhadores independentes.
Contribuição com a previdência	Casacuberta e Gandelman (2012); Bille e Jensen (2018); Alacovska e Gill (2019).	Estes estudos destacam que a falta de proteção social e a falta de acesso a benefícios trabalhistas na área cultural e artística podem afetar negativamente os retornos pecuniários e o bem-estar dos trabalhadores que atuam nesse mercado.
Faixa de horas trabalhadas	Eikhof e Warhurst (2013); Steiner e Schneider (2013); Machado, Rabelo e Moreira (2014); Bille e Jensen (2018).	Estas investigações destacam as jornadas de trabalho dos trabalhadores culturais e artísticos. Em especial, baseando-se no fato de o trabalho gerar valor, além do valor econômico, derivado do trabalho artístico.
Área urbana	Markusen e Gadwa (2010); Machado, Diniz e Simões (2013).	Os autores destacam que as atividades criativas tendem a se concentrar em áreas urbanas devido à presença de infraestrutura cultural, diversidade, densidade populacional e facilidade de comunicação e colaboração.
Grande Região	Machado, Diniz e Simões (2013); Bille e Jensen (2018).	Ao considerar a variável <i>região</i> na análise, é possível identificar as especificidades do mercado de trabalho artístico e cultural em cada região e, assim, compreender melhor as dinâmicas desse setor em âmbito nacional.
Região metropolitana	Steiner e Schneider (2013); Bille, Løyland e Holm (2017); Bille e Jensen (2018); Machado <i>et al.</i> (2021).	Em conjunto, esses estudos destacam a importância de considerar as diferenças regionais e a importância das regiões metropolitanas e urbanizadas no campo de trabalho cultural e artístico.
Ano	Barbosa (2019).	O autor analisa a situação do mercado de trabalho brasileiro entre 2012 e 2019, destacando que a situação é particularmente grave para os trabalhadores em condições mais vulneráveis.

Elaboração dos autores.

Cabe ressaltar que, nos modelos estimados, é possível incorrer no problema de viés de seletividade amostral. A estimativa das equações considerando a seletividade amostral foi feita nos três modelos. Estimou-se um modelo *probit* em que a variável dependente considerada é estar ocupado em relação a se encontrar desocupado ou na inatividade, e as variáveis de controle utilizadas são: sexo, cor, escolaridade, área urbana, região metropolitana, condição no domicílio, presença de criança de até 6 anos de idade, presença de crianças/adolescentes de 7 a 14 anos de idade e presença de adolescentes de 15 a 17 anos de idade no domicílio.¹²

Contudo, para os músicos, as estimativas não foram significativas. Provavelmente, porque os artistas, conforme Throsby *et al.* (1994), obtêm satisfação no trabalho e não são orientados apenas pelo rendimento. Dessa forma, não

12. As estimativas completas podem ser solicitadas aos autores.

permanecem desocupados ou na inatividade se a remuneração for menor que seu salário de reserva, como pressupõe o modelo de oferta tradicional e o viés de seletividade de Heckman (1979), derivado desse modelo.

4 RESULTADOS

Nesta seção, são apresentadas as estatísticas descritivas e os resultados das estimativas em questão. A leitura da tabela 3 mostra que, entre os músicos no período de 2012 a 2021, prevalecem homens (em torno de 80%), brancos por autodeclaração (cerca de 50%), com ensino médio completo/superior incompleto (mais de 50%) e, até 2020, jovens na faixa etária de 18 a 29 anos são os de maior participação. Em 2021, a faixa etária de 30 a 39 anos torna-se a mais representativa.

Quando se comparam os músicos do primeiro grupo, *profissionais do setor cultural*, estes se assemelham mais por composição de sexo, por cor autodeclarada e por nível de escolaridade. No que tange ao grupo de comparação 2, *profissionais das ciências e intelectuais*, verifica-se que o segundo apresenta elevada participação de mulheres (mais de 60% em todo o período), com maior declaração de cor branca (mais de 60%) bem como mais escolarizado, mais de 80% detém ensino superior completo.

TABELA 3
Características individuais: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)
(Em %)

Variáveis de controle	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
	Músicos									
Homens	79,8	86,1	82,9	77,4	85,0	81,4	78,5	79,5	71,3	81,3
Branco	50,6	50,8	52,2	50,8	49,3	47,5	46,0	49,3	48,0	53,3
Fundamental incompleto	16,9	16,3	19,8	10,7	12,0	9,4	9,0	7,5	3,9	6,0
Fundamental completo/médio incompleto	12,3	12,6	12,4	12,5	16,3	11,8	17,2	13,3	4,1	8,7
Médio completo/superior incompleto	54,4	54,7	51,8	55,6	50,3	51,9	50,5	55,3	52,4	52,8
Superior completo	16,3	16,4	16,0	21,2	21,4	26,9	23,3	24,0	39,6	32,6
18 a 29 anos	38,9	35,3	43,3	40,6	37,2	32,6	34,8	34,3	31,1	23,2
30 a 39 anos	27,3	29,7	30,8	33,0	33,0	35,6	30,8	33,5	44,8	37,8
40 a 49 anos	17,7	18,4	12,7	13,5	14,1	18,8	16,0	17,9	15,8	20,5
50 a 59 anos	11,7	10,1	12,1	8,8	10,8	9,5	15,9	10,2	6,2	12,5
60 a 70 anos	4,3	6,5	1,1	4,1	4,8	3,5	2,6	4,2	2,2	6,0

(Continua)

(Continuação)

Variáveis de controle	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021
Grupo 1										
Homens	58,8	59,8	58,5	64,7	63,6	64,3	62,4	62,5	56,9	56,7
Brancos	69,6	66,6	68,5	66,1	66,0	65,1	59,8	62,3	67,1	72,1
Fundamental incompleto	7,6	8,4	6,7	5,7	6,0	7,0	5,7	2,4	3,2	3,5
Fundamental completo/médio incompleto	8,5	9,5	8,3	8,1	8,8	6,8	7,8	5,8	5,3	3,1
Médio completo/superior incompleto	41,5	40,9	43,6	47,7	39,0	42,4	42,7	41,9	42,6	32,9
Superior completo	42,4	41,2	41,3	38,4	46,1	43,8	43,8	50,0	48,9	60,5
18 a 29 anos	41,7	37,3	33,9	38,8	33,9	36,8	34,7	33,6	29,9	39,4
30 a 39 anos	25,5	31,9	30,6	28,1	33,1	30,1	34,1	31,6	33,0	28,9
40 a 49 anos	19,7	15,0	18,0	16,5	17,7	16,3	17,0	20,5	19,2	14,4
50 a 59 anos	7,9	12,2	12,4	12,6	11,0	12,0	10,8	10,5	13,2	13,5
60 a 70 anos	5,3	3,6	5,0	4,1	4,4	4,7	3,5	4,0	4,7	3,9
Grupo 2										
Homens	39,2	39,8	39,5	40,2	39,4	40,2	39,2	39,2	39,9	41,0
Brancos	68,3	66,7	67,1	67,1	66,8	65,8	63,2	62,9	66,0	65,3
Fundamental incompleto	1,5	1,2	0,9	0,9	0,8	0,4	0,5	0,3	0,3	0,3
Fundamental completo/médio incompleto	1,5	1,6	1,4	1,2	0,9	0,8	0,7	0,7	0,5	0,6
Médio completo/superior incompleto	17,1	16,1	14,3	14,0	11,3	10,9	9,4	9,7	7,6	8,1
Superior completo	80,0	81,2	83,4	83,9	87,0	87,8	89,4	89,3	91,6	91,1
18 a 29 anos	25,2	24,7	23,7	23,4	20,6	20,9	20,5	20,1	18,1	20,6
30 a 39 anos	32,2	33,0	32,2	33,4	34,0	34,5	34,6	35,0	32,4	32,7
40 a 49 anos	23,7	23,3	23,6	22,9	24,3	23,3	24,5	24,5	26,2	25,8
50 a 59 anos	14,1	14,5	14,9	14,8	15,5	15,0	14,6	14,9	17,1	15,2
60 a 70 anos	4,8	4,5	5,6	5,6	5,6	6,3	5,8	5,6	6,3	5,7

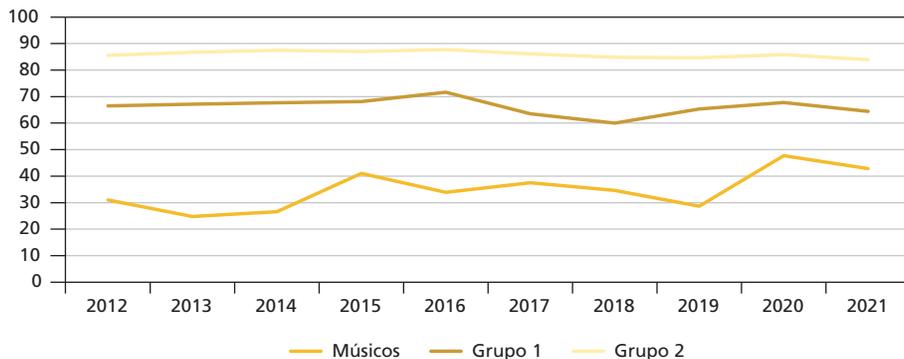
Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

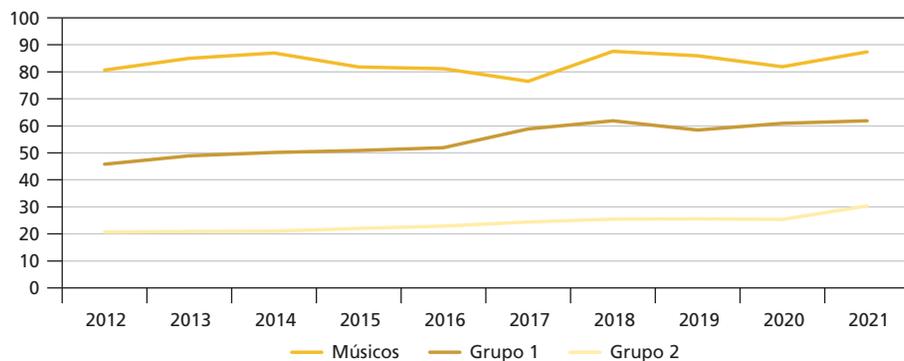
O gráfico 1 mostra o percentual de contribuintes para a previdência social, de trabalhadores por conta própria ou sem carteira de trabalho assinada e de subocupados por horas trabalhadas para os três grupos ocupacionais.

GRÁFICO 1
Características do trabalho: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)
 (Em %)

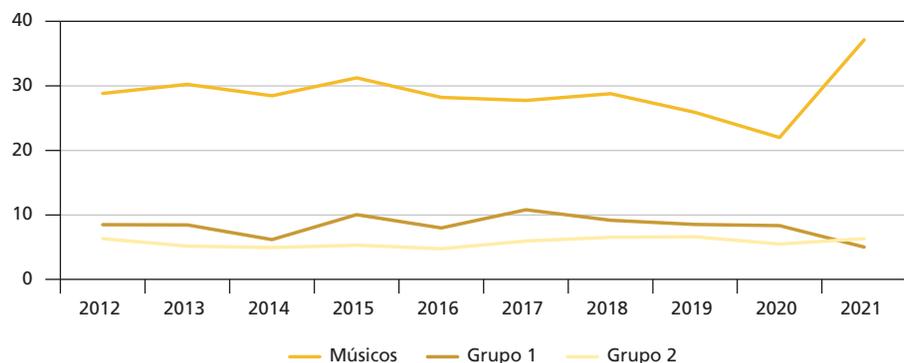
1A – Contribuição à previdência social



1B – Conta própria ou sem carteira de trabalho assinada



1C – Subocupação por horas trabalhadas



Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

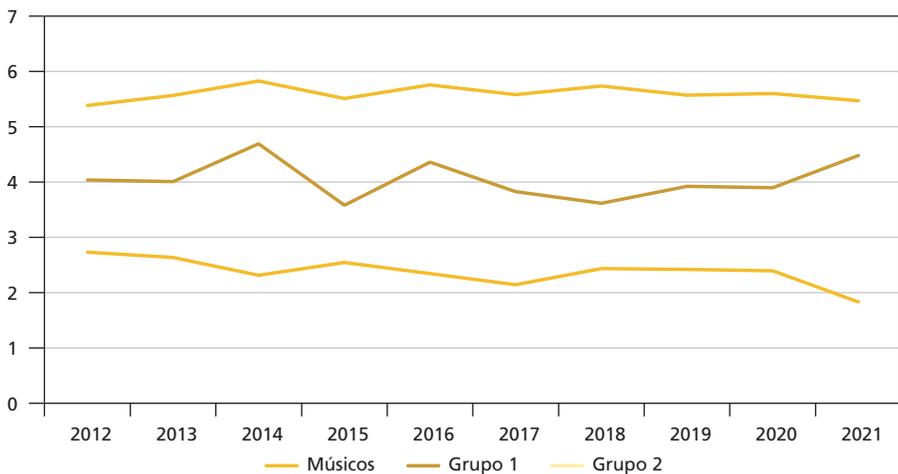
Pela leitura do gráfico, apreende-se que os músicos apresentam um percentual mais expressivo de subocupação por horas trabalhadas que os grupos de comparação. Esse percentual tem tendência de queda ao longo do período, atingindo menor nível em 2020, seguido de aumento significativo em 2021. Os músicos também apresentam os maiores percentuais como trabalhadores por conta própria ou sem carteira de trabalho assinada, com percentuais próximos a 80% ao longo do período, atingindo quase 90% em 2021. Apresentam, também, a menor participação em contribuição à previdência social. As características do posto de trabalho sugerem que os músicos tendem a se encontrar mais vulneráveis às condições do posto de trabalho que os demais grupos de comparação. Tais achados seguem as evidências apontadas por Lindström (2016), Hennekam e Bennett (2017) e Alacovska e Gill (2019) para artistas de um modo geral em países europeus e em países em desenvolvimento.

Com relação aos rendimentos médios do trabalho principal, pode-se observar no gráfico 2 que os rendimentos médios dos músicos apontam queda no período, sendo mais expressiva em 2021, próxima aos rendimentos médios observados para o grupo de comparação formado por *profissionais do setor cultural* (grupo 1), ainda que em patamares menores. Por sua vez, ocorre grande diferença ao se comparar com o segundo grupo, formado pelos *profissionais das ciências e intelectuais*.

GRÁFICO 2

Rendimento do trabalho principal: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)

(Em R\$ 1 mil)



Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

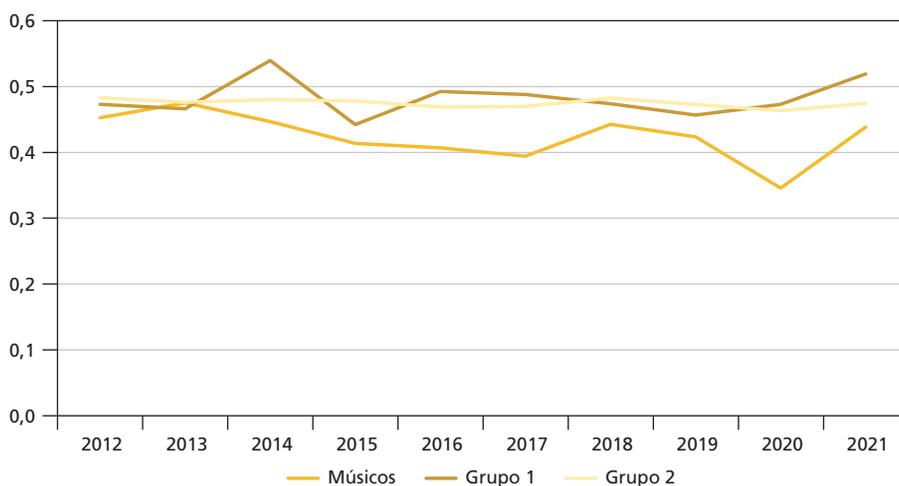
Elaboração dos autores.

Ao se analisar o índice de Gini, indicador de desigualdade considerado na análise, o gráfico 3 mostra que os músicos contam com distribuição de rendimento menos concentrada que dos ocupados nos grupos de comparação. No entanto, houve aumento na desigualdade do rendimento principal dos músicos após 2017, seguido de queda em 2020 e novo aumento em 2021. Machado *et al.* (2022b) também chegaram a resultados similares para o conjunto dos trabalhadores do setor artístico-cultural no Brasil no período em questão. No caso dos outros grupos de comparação, os indicadores não variam de forma substancial no período. Esse resultado sugere que os músicos tenham sido mais afetados pelo período da pandemia da covid-19.

Para o mercado de trabalho como um todo, Barbosa (2019) – em estudo sobre a distribuição de rendimento do trabalho – observa que, após um período de desconcentração em 2019, a distribuição voltou a revelar indicadores de onze a doze anos atrás, quando ocorria maior desigualdade na distribuição. Segundo o autor, a crise econômica pós-2014 e questões conjunturais são responsáveis pela reversão negativa. De início, entre 2014 e 2015, o desemprego aberto e por desalento explicavam as perdas de rendimento e a conseqüente concentração da renda. A partir de 2016, as diferenças se dão entre as disparidades entre o posto de trabalho formal e o informal, que apresentou crescimento no período.

GRÁFICO 3

Índice de Gini para os rendimentos do trabalho principal: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)



Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

Aprende-se, pela leitura da tabela 4, que o rendimento tende a aumentar para aqueles com idade até 49 anos, para os mais escolarizados e para os que têm jornadas de trabalho mais extensas. Homens e brancos também tendem a obter maiores rendimentos, enquanto indivíduos na condição de filhos no domicílio tendem a ter menores rendimentos comparados aos responsáveis pelo domicílio. Esses efeitos são observados tanto para os músicos quanto para os grupos de comparação, com efeito mais expressivo para esses últimos. Ainda, os residentes das regiões Nordeste e Norte tendem a ter menores rendimentos comparados aos da região Sudeste.

Por sua vez, músicos trabalhadores por conta própria ou sem carteira de trabalho assinada têm uma redução dos rendimentos mais expressiva que a observada para os grupos de comparação. Para os músicos, atuar por conta própria ou sem carteira de trabalho assinada pode levar a uma redução de 10% nos rendimentos. Ainda, músicos residentes em áreas urbanas e metropolitanas apresentam maiores rendimentos que aqueles residentes em áreas rurais ou no restante das UFs. Contudo, os grupos de comparação apresentam maiores rendimentos nas metrópoles que os músicos, com maior destaque para o grupo formado pelos profissionais do setor cultural (grupo 1).

Destaca-se, também, que a conjuntura macroeconômica após 2016 impacta negativamente os rendimentos, de forma muito mais expressiva para os músicos e mais acentuada no período mais recente. Em 2016, os músicos registraram um rendimento 11% menor que em 2012, enquanto os grupos de comparação 1 e 2 tiveram uma redução de 3% e 0,6%, respectivamente. Esse cenário adverso para os músicos se aprofundou até o período mais recente, quando os músicos chegaram a ter um rendimento 52% menor em 2021 na comparação com 2012, ao passo que os grupos de comparação 1 e 2 registraram uma redução de cerca de 15% e 10%, respectivamente.

TABELA 4

Resultados da equação de rendimentos: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)

Log do rendimento do trabalho principal (variável dependente)	Músicos		Grupo 1		Grupo 2	
	Coefficiente	P> t	Coefficiente	P> t	Coefficiente	P> t
Sexo (homem)	0,188	0,000	0,217	0,000	0,322	0,000
Cor (branca)	0,073	0,061	0,198	0,000	0,214	0,000
	Condição no domicílio					
Cônjuge	-0,028	0,593	-0,100	0,010	-0,077	0,000
Filho/enteado	-0,258	0,000	-0,350	0,000	-0,317	0,000
Outro	-0,137	0,016	-0,219	0,006	-0,261	0,000

(Continua)

(Continuação)

Log do rendimento do trabalho principal (variável dependente)	Músicos		Grupo 1		Grupo 2	
	Coefficiente	P> t	Coefficiente	P> t	Coefficiente	P> t
Grupos de idade						
30 a 39 anos	0,128	0,007	0,160	0,000	0,180	0,000
40 a 49 anos	0,174	0,002	0,296	0,000	0,272	0,000
50 a 59 anos	0,174	0,005	0,323	0,000	0,367	0,000
60 a 70 anos	0,008	0,926	0,130	0,103	0,446	0,000
Anos de estudo						
Fundamental completo/médio incompleto	0,076	0,253	0,192	0,003	0,149	0,000
Médio completo/superior incompleto	0,223	0,000	0,341	0,000	0,367	0,000
Superior completo	0,459	0,000	0,824	0,000	0,988	0,000
Conta própria/sem carteira	-0,103	0,045	-0,136	0,000	-0,093	0,000
Faixa de horas trabalhadas (até 14h)						
15h a 39h	0,366	0,000	0,412	0,000	0,500	0,000
40h a 44h	0,454	0,000	0,629	0,000	0,789	0,000
45h a 48h	0,441	0,000	0,648	0,000	0,859	0,000
49h ou mais	0,648	0,000	0,803	0,000	1,072	0,000
Contribuição para previdência	0,279	0,000	0,171	0,000	0,303	0,000
Grande Região						
Norte	-0,183	0,002	-0,233	0,000	-0,042	0,000
Nordeste	-0,257	0,000	-0,246	0,000	-0,138	0,000
Sul	0,024	0,631	-0,026	0,331	-0,022	0,001
Centro-Oeste	0,157	0,010	0,020	0,609	0,121	0,000
Área urbana	0,242	0,004	0,089	0,087	0,145	0,000
Região metropolitana	0,186	0,000	0,336	0,000	0,261	0,000
Ano (2012)						
2013	-0,003	0,965	0,012	0,776	0,028	0,006
2014	-0,074	0,324	0,021	0,642	0,037	0,000
2015	-0,026	0,721	-0,048	0,249	-0,009	0,389
2016	-0,107	0,149	-0,032	0,500	-0,006	0,584
2017	-0,249	0,001	-0,096	0,026	-0,033	0,001
2018	-0,148	0,044	-0,123	0,004	-0,029	0,005
2019	-0,161	0,047	-0,091	0,028	-0,037	0,000
2020	-0,208	0,010	-0,157	0,014	-0,068	0,000
2021	-0,564	0,000	-0,148	0,049	-0,101	0,000
Constante	6,582	0,000	6,290	0,000	5,783	0,000

Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

Com relação à subocupação por horas trabalhadas (tabela 5), os resultados mostram uma maior probabilidade de subocupação para músicos homens, na posição de conta própria/sem carteira, residentes em áreas não metropolitanas. De outra sorte, ocupados que contribuem para a previdência social e residem em áreas urbanas registram menor probabilidade. Observa-se ainda uma tendência de aumento da subocupação em 2021.

TABELA 5
Resultados do modelo *logit*: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)

Subocupação por horas trabalhadas (variável dependente)	Músicos		Grupo 1		Grupo 2	
	Razão de chances	P> z	Razão de chances	P> z	Razão de chances	P> z
Sexo (homem)	1,344	0,072	0,886	0,304	0,569	0,000
Cor (branca)	0,938	0,618	0,950	0,681	0,791	0,000
Condição no domicílio						
Cônjuge	0,999	0,996	0,808	0,223	0,719	0,000
Filho/enteado	1,331	0,050	0,910	0,521	1,061	0,229
Outro	1,379	0,114	1,028	0,899	0,765	0,000
Grupos de idade						
30 a 39 anos	0,937	0,661	0,759	0,070	0,865	0,001
40 a 49 anos	0,912	0,613	0,748	0,129	0,798	0,000
50 a 59 anos	0,745	0,152	0,704	0,094	0,645	0,000
60 a 70 anos	0,833	0,578	0,579	0,091	0,531	0,000
Anos de estudo						
Fundamental completo/médio incompleto	0,819	0,351	0,860	0,586	0,844	0,296
Médio completo/superior incompleto	0,643	0,016	0,994	0,979	1,113	0,409
Superior completo	0,700	0,148	0,731	0,236	0,754	0,028
Conta própria/sem carteira	1,105	0,662	3,409	0,000	1,857	0,000
Contribuição para previdência	0,463	0,000	0,501	0,000	0,443	0,000
Grande Região						
Norte	1,349	0,164	1,703	0,006	1,413	0,000
Nordeste	1,871	0,000	2,191	0,000	1,719	0,000
Sul	1,210	0,336	1,082	0,596	0,973	0,642
Centro-Oeste	0,684	0,057	0,871	0,614	0,844	0,004
Área urbana	0,658	0,030	0,700	0,237	0,622	0,000
Região metropolitana	0,599	0,000	0,808	0,083	0,669	0,000

(Continua)

(Continuação)

Subocupação por horas trabalhadas (variável dependente)	Músicos		Grupo 1		Grupo 2	
	Razão de chances	P> z	Razão de chances	P> z	Razão de chances	P> z
	Ano					
2013	0,916	0,717	0,948	0,811	0,808	0,001
2014	0,850	0,470	0,668	0,107	0,804	0,001
2015	1,231	0,361	1,192	0,422	0,867	0,023
2016	0,889	0,626	0,951	0,846	0,809	0,001
2017	1,045	0,850	1,141	0,539	1,009	0,881
2018	1,057	0,810	0,921	0,718	1,092	0,144
2019	0,858	0,499	0,949	0,808	1,089	0,164
2020	0,894	0,775	0,948	0,850	0,960	0,608
2021	1,802	0,044	0,513	0,029	1,019	0,826
Constante	0,772	0,512	0,130	0,000	0,376	0,000

Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

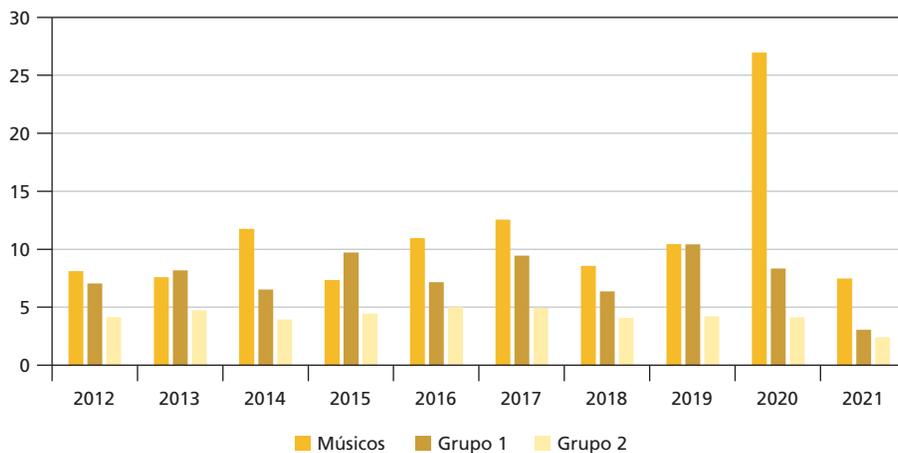
Tais achados se assentam no fato de a jornada de trabalho de autônomos, como posição prevalente dos músicos, depender da disponibilidade de *shows*, concertos e outras atividades musicais, que tendem a ser menos frequentes em períodos de crise econômica, quando as famílias cortam dispêndios que não se enquadram como de necessidade. Tal fato ocorreu no momento da pandemia, depois de 2019, com a suspensão de apresentação musical presencial em decorrência das medidas sanitárias adotadas, entre elas o fechamento de casas de *show*, salas de concerto, bares e restaurantes, buscando evitar aglomerações de pessoas.

Por fim, considerando o painel formado pela primeira e pela segunda entrevista, o gráfico 4 mostra o percentual de desocupados ou inativos na segunda entrevista, dada a ocupação na primeira entrevista ao longo de todo o período considerado.¹³ Tanto os músicos quanto os profissionais do setor cultural (grupo 1) apresentam maiores percentuais de desocupação ou inatividade ao longo dos anos em comparação aos profissionais das ciências e intelectuais. O ano de 2020 merece destaque no caso dos músicos, os quais chegaram a registrar um percentual de 27%. Ainda que esse movimento tenha apresentado um arrefecimento em 2021, o percentual de músicos desocupados ou inativos na segunda entrevista ainda é mais expressivo que os grupos de comparação.

13. As tabelas com o número de observações da amostra e da amostra expandida para a segunda entrevista dos músicos e dos grupos de comparação, considerando os ocupados na primeira entrevista, encontram-se no apêndice A.

GRÁFICO 4

Percentual de desocupados/inativos na segunda entrevista, dada a ocupação na primeira entrevista: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)



Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

Com relação à probabilidade de o trabalhador de cada grupo se encontrar ocupado ou desocupado/inativo na segunda entrevista, dado que ele se encontra ocupado na primeira entrevista, os resultados mostram de forma mais acentuada que homens apresentam uma maior probabilidade de permanecerem ocupados como músicos.¹⁴ Trabalhadores que contribuem para a previdência social e têm jornada de trabalho mais estendida contam com maior probabilidade de permanência na ocupação para todos os grupos. Por sua vez, para os músicos, trabalhar por conta própria ou sem carteira de trabalho assinada aumenta de forma mais expressiva a probabilidade de transitar para a desocupação ou para a inatividade, enquanto residir em áreas urbanas contribui para a permanência na ocupação.¹⁵

O gráfico 5 apresenta os efeitos marginais dos anos de estudo para a probabilidade de os trabalhadores permanecerem ocupados na segunda entrevista com relação a transitar para a desocupação ou para a inatividade. Pode-se observar que a maior escolaridade contribui para a permanência na ocupação, sobretudo, dos músicos em todos os níveis de escolaridade considerados. Cabe destacar o efeito do ensino superior completo para os músicos, que evidenciou um aumento em 13,7 pontos percentuais

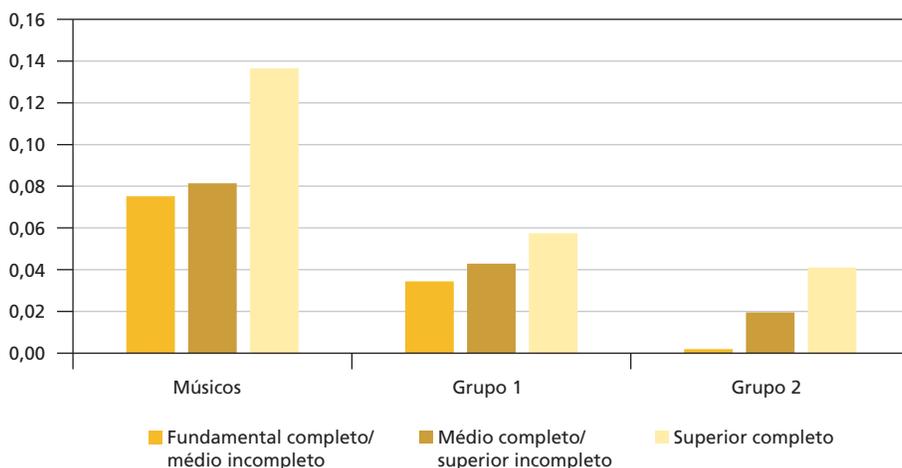
14. As estimativas completas constam da tabela A.3 do apêndice A.

15. O mercado de trabalho brasileiro, após a crise econômica de 2015, é marcado por um aumento do desemprego e da informalidade, acentuado pela redução de postos de trabalho formais e pela flexibilização de algumas formas de contratação após a reforma trabalhista de 2017, além de aumento da desigualdade na distribuição de rendimentos e perdas do rendimento do trabalho. O setor informal tende a ser representado por condições mais precárias de trabalho, como remunerações mais baixas e ausência de proteção social, e a realidade do mercado de trabalho dos músicos vai ao encontro do que é observado para o Brasil. Para essa discussão, ver autores como Reis (2020; 2022) e Corseuil *et al.* (2022).

(p.p.) na probabilidade de permanecer ocupado com relação àqueles que têm ensino fundamental incompleto. Por sua vez, assim como as evidências relatadas por Bille e Jensen (2018), os achados indicam que o ensino superior contribui para a permanência na ocupação de músico de forma mais acentuada que os outros níveis de escolaridade.

GRÁFICO 5

Efeito marginal dos anos de estudo: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)



Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

O gráfico 6 apresenta os efeitos marginais das estimativas para as *dummies* anuais tanto para os músicos quanto para os grupos de comparação no período de 2012 a 2021, com o intuito de analisar o papel da conjuntura, buscando evidências do efeito da crise pela qual o país passou, bem como o efeito da pandemia sobre a probabilidade de os trabalhadores permanecerem ocupados.

Os efeitos marginais mostram uma maior probabilidade de os músicos transitarem para a desocupação ou para a inatividade com relação aos grupos de comparação no período. Ainda que o efeito da conjuntura tenha atingido os músicos de forma negativa ao longo de todo o período, os efeitos da pandemia da covid-19 são muito mais expressivos. Em 2020, os músicos registraram uma queda de 34 p.p. na probabilidade de permanecerem ocupados com relação a 2012. Esse efeito não foi observado para os grupos de comparação.

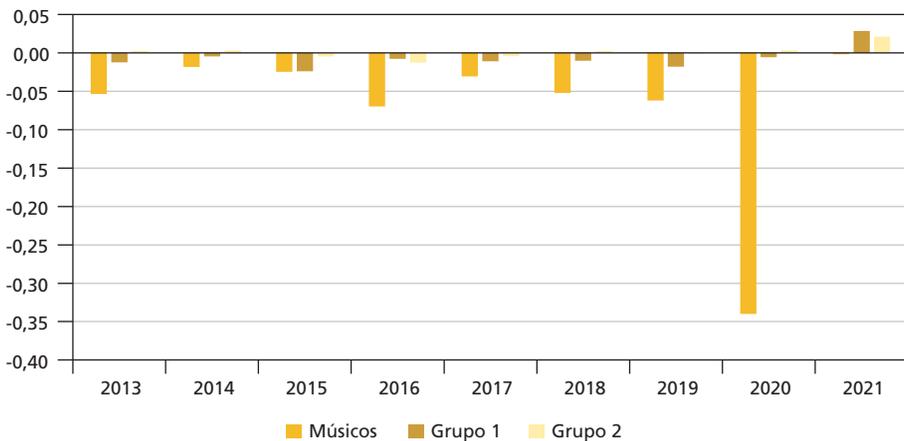
Os efeitos da pandemia da covid-19 em 2020 para os músicos estão em consonância com achados anteriores para o setor cultural brasileiro. Machado *et al.* (2022a) buscam mensurar os impactos da pandemia em atividades culturais fora do domicílio. Como essas atividades envolvem, em grande parte, a aglomeração de pessoas, elas tendem a ser mais afetadas dadas as restrições de isolamento social impostas pela pandemia.

A partir da aplicação do modelo de insumo-produto, os autores simulam a paralisação total das atividades artísticas, criativas e de espetáculos por cinco meses em 2020. Os principais resultados apontam para uma redução de 35,3% no valor bruto da produção do próprio setor (no ano) e de 0,28% na economia como um todo (no ano). Dadas as interdependências setoriais, as atividades com maiores quedas no valor da produção seriam setores de serviços relacionados à atividade de consumo cultural fora do domicílio. Em termos monetários, a paralisação das atividades artísticas, criativas e de espetáculos fora do domicílio geraria uma queda de R\$ 18,5 bilhões no valor da produção da economia. Esse resultado indica que, para cada R\$ 1,00 a menos no setor, tem-se R\$ 1,60 a menos na economia, sendo R\$ 1,00 o impacto direto da redução da produção no setor relacionado à queda da demanda e R\$ 0,60 o impacto indireto que decorre da queda da produção neste setor sobre as demais atividades.

Os impactos de uma crise como a da covid-19 no setor de atividades artísticas e culturais também foram considerados por Pereira, Silva e Brito (2022). Utilizando o modelo de insumo-produto, os autores mostram que uma redução de 30,8% na demanda do setor cultural gera uma redução no valor da produção de 64,37%, uma redução de 88,25% nos postos de trabalho e uma redução na renda de 74,02% do setor cultural. Os multiplicadores do emprego e da renda do setor cultural de 1.16 e de 1.38, respectivamente, vão ao encontro de Machado *et al.* (2022a).

De forma geral, os resultados ressaltam a importância do setor cultural para a economia brasileira e mostram como esse setor foi impactado de forma significativa no período da pandemia da covid-19. Para o caso específico dos músicos, os resultados reiteram esses achados.

GRÁFICO 6

Efeito marginal das *dummies* anuais: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)

Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo mostrou o comportamento de uma ocupação, a dos músicos, no que tange às condições de trabalho. A análise para um dado grupo de ocupados e, especificamente, para ocupações culturais é algo ainda pouco explorado no Brasil. Comparando músicos com trabalhadores do grupo ocupacional formado pelos profissionais das ciências e intelectuais, como também com todos os profissionais do setor cultural, verifica-se, por intermédio da PNAD Contínua, entre 2012 e 2021, que músicos são mais impactados pela concentração de rendimentos, pela perda de rendimentos e pela subocupação que ocupados nesses dois grupos de comparação. De qualquer maneira, tais condições adversas parecem não desestimular a escolha ocupacional, uma vez que ela ocorre em muito motivada pela expressão do talento e da criatividade do músico.

Tais resultados são fruto de uma condição estrutural da ocupação de músicos, tanto no Brasil como internacionalmente, conforme evidenciado pela literatura revisada, onde há prevalência de expressiva desigualdade intraocupacional, baixos retornos pecuniários comparativamente à educação formal e outras dimensões associadas à produtividade, maior intercorrência na carreira e subocupação.

Some-se a essas condições estruturais a extinção e a ausência de políticas públicas direcionadas à cultura a partir de 2016 e os efeitos da crise sanitária ocasionada pela pandemia da covid-19, que contribuíram para agravar ainda mais essa condição. Nesse sentido, mesmo que o músico continue trabalhando por conta própria e/ou dividindo suas horas de trabalho em atividades fora do campo da música, é importante que as políticas públicas de regulamentação no campo do trabalho na música sejam adequadas às particularidades do ofício, principalmente àqueles que estão iniciando a sua trajetória profissional. Estas ações devem contribuir para reduzir a vulnerabilidade, no seu sentido amplo, partindo da seguridade previdenciária e do trabalho e da minimização da instabilidade na posição ativa na ocupação como músico (períodos de transição ou de baixa demanda). Tais aspectos são estratégicos para a permanência na carreira e a melhor distribuição do rendimento.

Em uma agenda futura de pesquisa, pretende-se analisar, por meio de pesquisa primária, algumas particularidades das ocupações artísticas que não são passíveis de serem verificadas por meio de dados secundários, como é o caso da PNAD Contínua. Em questionários específicos, é possível aprofundar aspectos relativos à satisfação no trabalho bem como os incentivos à inserção ocupacional, buscando testar com mais acuidade as hipóteses sugeridas pelo modelo de Throsby *et al.* (1994).

REFERÊNCIAS

- ALACOVSKA, A.; GILL, R. De-westernizing creative labour studies: the informality of creative work from an ex-centric perspective. **International Journal of Cultural Studies**, v. 22, n. 2, p. 195-212, 2019.
- BARBOSA, R. J. Estagnação desigual: desemprego, desalento, informalidade e a distribuição da renda do trabalho no período recente (2012-2019). **Mercado de Trabalho: conjuntura e análise**, Brasília, n. 67, p. 59-70, out. 2019.
- BILLE, T.; JENSEN, S. Artistic education matters: survival in the arts occupations. **Journal of Cultural Economics**, v. 42, n. 1, p. 23-43, 2018.
- BILLE, T.; LØYLAND, K.; HOLM, A. Work for passion or money? Variations in artists' labor supply. **Kyklos**, v. 70, n. 3, p. 347-380, 2017.
- CASACUBERTA, C.; GANDELMAN, N. Multiple job holding: the artist's labour supply approach. **Applied Economics**, v. 44, n. 3, p. 323-337, 2012.
- CONHEÇA o PIB da economia da cultura e das indústrias criativas no Brasil. **Observatório Itaú Cultural**, 12 abr. 2023. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/conheca-o-pib-da-economia-da-cultura-e-das-industrias-criativas-no-brasil>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- CORSEUIL, C. H. *et al.* Comportamento do mercado de trabalho brasileiro em duas recessões: análise do período 2015-2016 e da pandemia de covid-19. *In*: SILVA, S. P.; CORSEUIL, C. H. L.; COSTA, J. S. M. (Org.). **Impactos da pandemia de covid-19 no mercado de trabalho e na distribuição de renda no Brasil**. 1. ed. Brasília: Ipea, 2022. p. 23-40.
- EIKHOF, D. R.; WARHURST, C. The promised land? Why social inequalities are systemic in the creative industries. **Employee Relations**, v. 35, n. 4, p. 495-508, 2013.
- HECKMAN, J. J. Sample selection bias as a specification error. **Econometrica**, v. 47, n. 1, p. 153-161, 1979.
- HENNEKAM, S.; BENNETT, D. Creative industries work across multiple contexts: common themes and challenges. **Personnel Review**, v. 46, n. 1, p. 68-85, 2017.
- HENRIQUE, J. S. **O trabalho dos músicos em Belo Horizonte: da satisfação à permanência na ocupação e desigualdades**. 2022. 163 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- HENRIQUE, J. S.; MACHADO, A. F.; ANTIGO, M. F. Work satisfaction and job permanence in artistic careers: the case of musicians in Belo Horizonte, Brazil. **Journal of Cultural Economics**, v. 47, n. 2, p. 693-718, 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sistema de Informações e Indicadores Culturais: 2007-2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101687.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

LINDSTRÖM, S. Artists and multiple job holding: breadwinning work as mediating between bohemian and entrepreneurial identities and behavior. **Nordic Journal of Working Life Studies**, v. 6, n. 3, p. 43-58, 2016.

MACHADO, A. F.; DINIZ, S. C.; SIMÕES, R. F. Urban amenities and the development of creative clusters: the case of Brazil. **Current Urban Studies**, v. 1, n. 4, p. 92-101, 2013.

MACHADO, A. F. *et al.* **Economia criativa brasileira no século XXI e os efeitos da pandemia**: análise crítica de uma trajetória. Belo Horizonte: Cedeplar, 2021. (Texto para Discussão, n. 634). Disponível em: <https://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20634.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

MACHADO, A. F. *et al.* Efeitos da covid-19 na economia da cultura no Brasil. **Revista Econômica do Nordeste**, v. 53, n. 1, p. 124-136, 2022a.

MACHADO, A. F. *et al.* Setor cultural e covid-19: uma análise em países sul-americanos. *In*: ALBUQUERQUE, E.; JAYME JÚNIOR, F.; BRITTO, G. (Org.). **Crise, pandemia e alternativas**. 1. ed. Belo Horizonte: Cedeplar, 2022b. p. 210-245.

MACHADO, A. F.; RABELO, A.; MOREIRA, A. G. Specificities of the artistic cultural labor market in Brazilian metropolitan regions between 2002 and 2010. **Journal of Cultural Economics**, v. 38, n. 3, p. 237-251, 2014.

MARKUSEN, A.; GADWA, A. Arts and culture in urban or regional planning: a review and research agenda. **Journal of Planning Education and Research**, Thousand Oaks, v. 29, n. 3, p. 379-391, 2010.

MENGER, P. M. Artistic labor markets and careers. **Annual Review of Sociology**, v. 25, p. 541-574, 1999.

MINCER, J. (Ed.). **Schooling, experience, and earnings**. Nova York: NBER, 1974. 152 p.

PEREIRA, F. S.; SILVA, M. V. A. e; BRITO, D. J. M. The economic contribution of the cultural sector in Brazil: an input-output approach with different income groups. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 50., 2022, Fortaleza, Ceará. **Anais...** Fortaleza: Anpec, 2022.

REIS, M. C. As consequências do desemprego para os rendimentos de reemprego: uma análise para diferentes condições do mercado de trabalho. **Estudos Econômicos**, v. 50, n. 4, p. 705-732, out.-dez. 2020.

REIS, M. C. Como as condições do mercado de trabalho influenciam as transições do desemprego para o emprego? **Economia Aplicada**, v. 26, n. 1, p. 5-30, 2022.

ROSEN, S. The economics of superstars. **American Economic Review**, v. 71, n. 5, p. 845-858, 1981.

STEINER, L.; SCHNEIDER, L. The happy artist: an empirical application of the work-preference model. **Journal of Cultural Economics**, v. 37, n. 2, p. 225-246, 2011.

THROSBY, D. *et al.* A work-preference model of artist behaviour. *In*: PEACOCK, A.; RIZZO, I. (Ed.). **Cultural economics and cultural policies**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1994. p. 69-80.

APÊNDICE A

QUADRO A.1

Descrição das variáveis utilizadas da PNAD Contínua trimestral

Variável	Código PNAD Contínua	Descrição da variável	Tipo
Grandes regiões	UF	Unidade da Federação	Categórica
Área urbana	V1022	Situação do domicílio	Categórica
Região metropolitana	V1023	Tipo de área	Categórica
Condição no domicílio	V2005	Condição no domicílio	Categórica
Sexo	V2007	Sexo	Categórica
Idade	V2009	Idade	Contínua
Cor	V2010	Cor ou raça	Categórica
Ocupação principal	V4010	Código da ocupação (cargo ou função)	Categórica
Atividade principal	V4013	Código da principal atividade desse negócio/empresa	Categórica
Horas trabalhadas	V4039	Quantas horas ... trabalhava normalmente, por semana, nesse trabalho principal?	Contínua
Escolaridade	VD3004	Nível de instrução mais elevado alcançado (pessoas de 5 anos de idade ou mais)	Categórica
Subocupação por horas trabalhadas	VD4004	Subocupação por insuficiência de horas efetivamente trabalhadas em todos os trabalhos (até 3º trim. 2015)	Categórica
Subocupação por horas trabalhadas	VD4004A	Subocupação por insuficiência de horas habitualmente trabalhadas em todos os trabalhos (a partir do 4º trim. 2015)	Categórica
Posição na ocupação	VD4009	Posição na ocupação e categoria do emprego do trabalho principal da semana de referência para pessoas de 14 anos de idade ou mais	Categórica
Contribuição para previdência	VD4012	Contribuição para instituto de previdência em qualquer trabalho da semana de referência para pessoas de 14 anos de idade ou mais	Categórica
Rendimento do trabalho	VD4016	Rendimento mensal habitual do trabalho principal para pessoas de 14 anos de idade ou mais	Contínua
Faixa de horas trabalhadas	VD4036	Faixa das horas habitualmente trabalhadas por semana no trabalho principal para pessoas de 14 anos de idade ou mais	Categórica

Elaboração dos autores.

TABELA A.1

Condição na força de trabalho na segunda entrevista, dada a ocupação na primeira entrevista: amostra, músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)

Ano	Músicos		Grupo 1		Grupo 2	
	Desocupados/inativos	Ocupados	Desocupados/inativos	Ocupados	Desocupados/ inativos	Ocupados
2012	21	151	41	490	420	8.762
2013	24	193	53	595	656	12.222
2014	29	211	53	617	644	12.863
2015	24	206	64	635	689	13.609
2016	42	232	60	575	758	12.562
2017	30	217	57	632	784	13.300
2018	31	258	40	577	682	13.901
2019	29	219	67	595	708	13.855
2020	35	95	41	413	533	9.587
2021	9	75	18	346	218	8.065

Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

TABELA A.2

Condição na força de trabalho na segunda entrevista, dada a ocupação na primeira entrevista: amostra expandida, músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)

Ano	Músicos		Grupo 1		Grupo 2	
	Desocupados/inativos	Ocupados	Desocupados/inativos	Ocupados	Desocupados/inativos	Ocupados
2012	6.032	68.357	18.586	245.291	161.924	3.736.527
2013	7.174	87.200	25.893	291.031	263.121	5.292.935
2014	11.358	85.231	21.519	308.525	229.937	5.604.910
2015	7.575	95.557	36.626	340.340	285.541	6.130.901
2016	13.992	113.517	24.198	313.701	296.063	5.624.194
2017	13.783	96.037	32.584	312.668	311.601	5.981.708
2018	12.296	131.286	18.937	278.600	273.756	6.451.937
2019	13.802	118.415	36.512	313.925	292.143	6.648.825
2020	25.487	69.087	31.555	346.780	278.496	6.487.606
2021	5.021	62.231	13.282	419.051	171.219	6.971.733

Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

TABELA A.3
Resultados do modelo *logit* para a primeira e segunda entrevista: músicos e grupos de comparação – Brasil (2012-2021)

Ocupado 2 ^a	Músicos			Grupo 1			Grupo 2		
(Variável dependente)	Razão chance	P> z	Efeito marginal	Razão chance	P> z	Efeito marginal	Razão chance	P> z	Efeito marginal
Sexo (homem)	1,641	0,054	0,043	1,185	0,267	0,011	1,395	0,000	0,013
Cor (branca)	1,155	0,501	0,012	1,190	0,293	0,011	1,082	0,080	0,003
Condição no domicílio									
Cônjuge	0,844	0,606	-0,013	0,998	0,993	0,000	0,852	0,001	-0,005
Filho/enteado	0,472	0,002	-0,067	0,329	0,000	-0,081	0,543	0,000	-0,025
Outro	0,423	0,023	-0,080	0,594	0,024	-0,030	0,729	0,000	-0,012
Grupos de idade									
30 a 39 anos	1,111	0,687	0,009	1,691	0,005	0,029	1,343	0,000	0,011
40 a 49 anos	1,067	0,830	0,005	1,070	0,744	0,004	1,499	0,000	0,015
50 a 59 anos	0,699	0,238	-0,034	0,642	0,063	-0,035	1,086	0,224	0,003
60 a 70 anos	0,587	0,238	-0,053	0,543	0,017	-0,051	0,574	0,000	-0,030
Anos de estudo									
Fundamental completo/médio incompleto	1,955	0,033	0,075	1,500	0,181	0,034	1,030	0,856	0,002
Médio completo/superior incompleto	2,094	0,004	0,081	1,692	0,014	0,043	1,384	0,010	0,020
Superior completo	4,702	0,000	0,137	2,142	0,002	0,058	2,282	0,000	0,041
Conta própria/sem carteira	0,440	0,095	-0,071	0,652	0,053	-0,028	0,792	0,000	-0,009
Faixa de horas trabalhadas (até 14h)									
15h a 39h	1,603	0,019	0,048	2,214	0,000	0,083	1,939	0,000	0,038
40h a 44h	6,744	0,000	0,127	3,311	0,000	0,111	2,695	0,000	0,051
45h a 48h	2,374	0,103	0,079	6,043	0,000	0,138	2,878	0,000	0,053
49h ou mais	2,099	0,182	0,070	6,259	0,000	0,140	3,502	0,000	0,059
Contribuição para previdência	1,457	0,143	0,033	1,410	0,062	0,022	2,221	0,000	0,030
Grande Região									
Norte	0,781	0,428	-0,020	1,027	0,908	0,002	0,747	0,000	-0,012
Nordeste	0,673	0,142	-0,034	1,135	0,470	0,008	0,795	0,000	-0,009
Sul	0,544	0,073	-0,056	1,262	0,202	0,015	1,053	0,368	0,002
Centro-Oeste	0,771	0,468	-0,021	1,494	0,058	0,024	0,859	0,011	-0,006
Área urbana	1,740	0,043	0,048	1,541	0,227	0,028	1,278	0,000	0,009
Região metropolitana	0,970	0,888	-0,003	0,808	0,156	-0,014	0,908	0,030	-0,004

(Continua)

(Continuação)

Ocupado 2 ^a	Músicos			Grupo 1			Grupo 2		
(Variável dependente)	Razão chance	P> z	Efeito marginal	Razão chance	P> z	Efeito marginal	Razão chance	P> z	Efeito marginal
Ano (2012)									
2013	0,460	0,027	-0,054	0,828	0,480	-0,012	1,063	0,443	0,002
2014	0,727	0,364	-0,019	0,926	0,767	-0,005	1,092	0,270	0,003
2015	0,663	0,270	-0,025	0,706	0,249	-0,024	0,893	0,167	-0,005
2016	0,389	0,005	-0,070	0,885	0,633	-0,008	0,750	0,000	-0,013
2017	0,611	0,212	-0,031	0,844	0,563	-0,011	0,900	0,195	-0,004
2018	0,468	0,044	-0,052	0,852	0,540	-0,010	1,064	0,443	0,002
2019	0,421	0,012	-0,062	0,765	0,320	-0,018	0,983	0,835	-0,001
2020	0,065	0,000	-0,340	0,913	0,812	-0,006	1,087	0,432	0,003
2021	0,969	0,952	-0,002	1,797	0,122	0,028	2,095	0,000	0,021
Constante	6,931	0,002	-	2,475	0,074	-	2,282	0,000	-

Fonte: PNAD Contínua trimestral (2012-2021). Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=microdados>. Acesso em: 11 abr. 2022.

Elaboração dos autores.

Originais submetidos em: jun. 2022.

Última versão recebida em: set. 2023.

Aprovada em: set. 2023.